

Fotos: Mariana Campos/CB/D.A Press



Mestre Joana Cavalcante e Maria dos Prazeres, coordenadora do Baque Mulher Brasília



Veja a programação de hoje e amanhã no QR Code

Movimento feminista Baque Mulher se reúne na UnB para encontro nacional anual

» BEATRIZ MASCARENHAS

O silêncio é uma das ferramentas mais eficazes na manutenção da violência de gênero. Em isolamento, muitas mulheres se calam, em meio às suas iguais, há liberdade para existir e ter voz. Mas ter voz, apenas, não é o suficiente; é preciso falar mais alto, é preciso dançar, é preciso batucar. Para o Movimento Baque Mulher, é preciso maracatu. Há quase 20 anos, o coletivo social se articula para acolher e salvar a vida de mulheres por meio da música. E é com esse espírito de união que ocorre, neste final de semana, o 9º Encontro Nacional do Baque Mulher, que desembarca pela primeira vez em Brasília.

Com origem no Brasil Colonial, em Recife, o maracatu de baque virado é uma manifestação cultural afro-brasileira que une música, dança, sincretismo religioso e ritual. O conjunto musical percussivo acompanha o cortejo, em meio às cores das longas saias rodadas. Segundo a Mestre Joana Cavalcante, idealizadora do Movimento Baque Mulher, apesar do maracatu ter se tornado um símbolo de resistência negra ao longo das décadas, as mulheres ainda não tinham funções de protagonismo no movimento. “Hoje, sou a única mestra da Maracatu Nação de Baque Virado. Em 200 anos, nunca havia tido uma mestra mulher”, conta.

Com essa mudança, Joana sentiu a necessidade de reunir as mulheres para ensaios e apresentações exclusivamente femininas. “Dentro do Maracatu, na época que eu assumi, era muito hostil a presença da mulher. Era preciso mudança. Assim, surgiu o Baque Mulher, em 2018”, relembra Cavalcante. A partir de um grupo musical, nasceu um movimento de combate à violência, ao racismo e de empoderamento das mulheres.

Atualmente, o coletivo social está em diferentes estados do país, e conta com 38 filiais, sendo duas delas na Europa. Foi em Portugal que Ludmilla Morel, de 33 anos, conheceu o movimento. “Me sentia isolada em um país desconhecido e, em determinados momentos, até xenofóbico”, relata a moradora do Jardim Botânico.

União pela força feminina

Movimento Baque Mulher traz encontro nacional para Brasília, pela primeira vez, com temática de combate à violência de gênero. Grupo atua em 38 filiais onde mistura música e militância para empoderamento



Ludmilla Morel, 33, e o filho, Oliver: pertencimento

Mãe de dois filhos, enfrentou uma depressão e encontrou pertencimento no movimento por meio de vínculos duradouros. Para Ludmilla, encontrar a organização fora do Brasil foi fundamental para se reconectar com as próprias raízes. Hoje, ela não apenas frequenta as reuniões, como está tocando o maracá junto às manifestações musicais.

Reconhecimento

A programação do 9º Encontro Nacional do Movimento Baque Mulher ocorre desde quinta-feira



Rachel Lima veio com o filho, Tarcísio, 5, de Sergipe

e segue até amanhã, com rodas de conversa, palestras, oficinas, ensaios e momentos para confraternização. O encontro reuniu não apenas as filiais moradoras do Distrito Federal, como também as de outros estados brasileiros.

Rachel Lima, 47, saiu de Aracaju (SE) com seu filho Tarcísio Prata, de 5 anos, para estar presente no evento. Ela descreve que conheceu o coletivo através de uma amiga frequentadora. “Estava precisando de apoio, especialmente de mulheres”, conta a mãe. Antes do contato com o movimento, ela descreve

ter experienciado momentos difíceis em meios machistas, no espaço onde vivia. Ao frequentar o projeto, Rachel entendeu processos emocionais que estava passando, entre eles, o de se masculinizar para evitar o assédio sexual e até mesmo moral.

Nas reuniões de grupo, ela voltou a se reconhecer como uma figura feminina, que não precisa adotar características masculinas para ser respeitada. “Sou uma mulher e eu não preciso me masculinizar para me proteger”, afirma Rachel. Nos ensaios do maracatu, ela aprendeu

à tocar o agbê — um chocalho confeccionado com uma cabaça envolta por uma trama de contas.

O encontro ocorre no Centro Comunitário Athos Bulcão, da Universidade de Brasília (UnB). A iniciativa passou a integrar as ações de extensão da faculdade, fortalecendo o diálogo entre a universidade com a comunidade. Segundo a coordenadora da filial em Brasília, Maria dos Prazeres, o projeto com a UnB deu à organização um espaço físico para ensaios, com uma sala própria. Assistente social, a coordenadora orgulha-se

de estar recebendo o evento pela primeira vez.

Em lágrimas, ela reforça que o movimento existe justamente para combater a violência sofrida por mulheres. Por isso, trazer o encontro para a capital do país é significativo, não apenas como um grupo musical composto por mulheres, mas como um movimento político que está aqui para questionar-se sobre o número crescente de feminicídio enfrentado pelo estado. “Militamos dentro de secretarias, dentro de ações em prol das mulheres, buscando fortalecimento”, relata.

COPA 2026

Otimismo na vitória aquece economia

» LUIZ FRANCISCO*

Os vendedores de camisas e bandeiras do Brasil estão animados para a Copa do Mundo de 2026. Para eles, as vitórias da Seleção Brasileira devem aumentar as vendas desses produtos e, de acordo com o levantamento de dados do Sindivarejista-DF, o crescimento pode ser de, pelo menos, 14% se o Brasil chegar à final do campeonato no dia 19 de julho.

O morador do Recanto das Emas Thiago da Silva, de 25 anos, é um dos vendedores de adereços essenciais para os torcedores do Brasil. Ele afirma que, a cada vitória do Brasil, aparece mais clientes que querem comprar camisas e bandeiras. “Eu trabalho para meu pai há duas copas e acho que esse ano está bem fraco em comparação aos outros. Mas começa assim,

quando o Brasil ganha o primeiro jogo, vem bastante gente para comprar”, explica.

Não foi a única pessoa a reclamar que as vendas ainda estão fracas de início. Morador da Candangolândia, Gustavo Ferreira, 38, vende esses produtos desde a Copa do Mundo de 2014 e declara que, em comparação às outras épocas, este ano está demorando para as pessoas comprarem. “Hoje (sexta-feira), pelo menos, eu vendi três camisas, mas eu ainda não vendi uma bandeira”, relata o vendedor. “Em outras copas, eu estaria vendendo bem mais.”

Com otimismo, o comerciante Israel Honório, 25, conta que vendeu muitas camisas nos últimos dias. O morador de Águas Lindas (GO) começou a comercializar os produtos há duas semanas e, como feirante desde os 8 anos, as vendas

estão boas e está muito animado para esta Copa. “Eu estou bem ansioso para que o Brasil chegue à final porque, desse jeito, começa a época boa do comércio”, declara.

Rumo ao hexa

Os clientes também estão animados. A técnica de enfermagem Rubia Pereira, 56, comprou duas camisas do Brasil para assistir junto à família. “Meu marido está desanimado e disse que a seleção brasileira pode perder no jogo de estreia, mas eu acho que o Brasil pode ter um bom desempenho”, afirma a moradora de Taguatinga. “Para mim, não faz sentido assistir um jogo sem a camisa do Brasil, por isso, eu comprei.”

A professora Roberta Miranda, 45, e a estudante Jordana Miranda, 20, estão mais felizes pelo clima

trazido pela Copa. Para elas, a época é legal para torcer mesmo que não sejam ligadas ao futebol. “A gente comprou algumas bandeirinhas para colocar no carro, temos a camisa do caçula da família e agora, só faltam as nossas”, relata a educadora. “Toda Copa, assistimos na casa dos familiares ou de amigos e festejamos muito”, conta a filha.

O programador Phillippe Diniz, 21, e a assistente administrativa Giovanna Siqueira, 23, também compraram camisas para assistir aos jogos do Brasil. O morador de Taguatinga está ansioso por conta do desempenho visto nas últimas partidas da seleção brasileira. “Nós pretendemos assistir os jogos em bares ou em casas de amigos. Mas veremos as partidas juntos”, declara Giovanna.

*Estagiário sob a supervisão de Patrick Selvatti

Ed Alves/CB/D.A Press



Thiago da Silva conta que trabalha com o pai desde a Copa de 2018